

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

**INTRAMUROS: A HISTÓRIA DESVELADA DO JUQUERY, UM DOS MAIORES
HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS DO BRASIL**

JÚLIA NADDAF REMER

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2019

JÚLIA NADDAF REMER

**INTRAMUROS: A HISTÓRIA DESVELADA DO JUQUERY, UM DOS MAIORES
HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS DO BRASIL**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Dr. Vinícius Prates.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2019

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Divina dos Santos Rodrigues, mulher forte, guerreira e de muita fé, que concedeu-me a imensa honra de transcrever suas memórias nesse livro-reportagem e, com isso, possibilitou a concretização de um sonho.

AGRADECIMENTO

A Deus, agradeço imensamente, por amparar-me e auxiliar-me durante todo meu trabalho, permitindo que eu mantivesse meu ímpeto pela busca da verdade.

Ao meu avô, Antônio Tauffic Naddaf, cujo maior sonho era presenciar minha formatura, e que, em vida, sempre esteve ao meu lado, compartilhando sonhos, conquistas e angústias.

Aos meus pais, que desde o começo confiaram em mim para a realização deste produto, e apoiaram minhas inúmeras idas e vindas ao cerne da loucura.

Com estimado carinho, aos meus amigos, que acompanharam-me nas diversas fases da execução do trabalho, e contribuíram com ideias e sugestões para seu aprimoramento.

Agradeço à Divina dos Santos Rodrigues, Ana Maria Campanhola, Walter Farias e todos os outros personagens que, de bom grado, compartilharam suas dolorosas memórias comigo, viabilizando a concretização deste livro-reportagem. Pessoas humildes, de bom coração, que jamais serão esquecidas.

Ao meu orientador, Vinicius Prates, que acompanhou-me durante todo o processo, aconselhando-me da melhor forma possível.

A todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram com a realização desse produto, e mantiveram-se ao meu lado nos mais diversos momentos e dificuldades.

Fito-me frente a frente (II)

"Fito-me frente a frente

E conheço quem sou.

Estou louco, é evidente,

Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta

Que gente que sou louco?

Ou é por ter completa

A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto

O ser vivo que tenho.

Nasci como um aborto,

Salvo a hora e o tamanho."

Fernando Pessoa

RESUMO

Intramuros retrata a história de Divina dos Santos Rodrigues, antiga paciente do Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo, uma das maiores instituições manicomiais do Brasil, consolidada como um marco da psiquiatria no país e conhecida popularmente pela superlotação e pelos maus-tratos. Obras como do filósofo Michel Foucault, do renomado escritor Roberto Machado e da jornalista Daniela Arbex, serviram como embasamento para o desenvolvimento deste livro. Através das memórias de Divina e de outros personagens presentes na obra, como funcionários e pacientes, a trajetória da loucura, tal como o surgimento deste conceito, é narrada, dialogando com o cenário atual da psiquiatria e da sociedade brasileira, e promovendo uma reflexão acerca do modelo asilar e de exclusão, ainda presente na atualidade.

Palavras-chave: Juquery; Loucura; Manicômio; Jornalismo.

ABSTRACT

Intramuros portrays the story of Divina dos Santos Rodrigues, a former patient of the Asylum Colony of the Juquery Branch of the Alienados Hospital of São Paulo, one of the largest asylum institutions in Brazil, consolidated as a landmark of psychiatry in the country and popularly known for overcrowding and mistreatment. Works by philosopher Michel Foucault, renowned writer Roberto Machado and journalist Daniela Arbex served as the basis for the development of this book. Through the memories of Divina and other characters present in the work, such as staff and patients, the trajectory of madness, as well as the emergence of this concept, is narrated, dialoguing with the current scenario of psychiatry and Brazilian society, and promoting a reflection on asylum and exclusion model, still present today.

Keywords: Juquery; Madness; Asylum; Journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 O papel social do Juquery	13
2.2 Sociedade disciplinar e o modelo manicomial	14
2.3. A Luta Antimanicomial	16
2.4. O Jornalismo Investigativo	16
2.5 A forma de retratação	18
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	18
3.1. O processo de realização	18
3.3. Fontes	20
3.4. Resultado final	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS	24
I. Fotos tiradas pelo fotógrafo Osmar Bustos	24
II. Poema de Fernando Pessoa	28
APÊNDICES	29
I. Autorização para uso de material fotográfico	29

1. INTRODUÇÃO

O tratamento embasado no confinamento é visto como uma alternativa para a “cura” de transtornos mentais e demais patologias associadas à psiquiatria desde meados do século XV, quando surgiu o primeiro hospital psiquiátrico, na Europa, como demonstra a Revista Latino-Americana de Enfermagem da Universidade São Paulo (USP, 2005). Inicialmente, essas instituições abrigavam não só pacientes com doenças mentais, mas também pessoas marginalizadas, consideradas pela sociedade como ameaças à ordem social, trazendo à tona o conceito do aprisionamento como meio disciplinar e de precaução contra todos aqueles que não seguiam tendências normativas, condenadas pela população.

No Brasil, não foi diferente. Fundado no século XIX, em 1898, no município paulista de Franco da Rocha, pelo médico Francisco Franco da Rocha, como Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo, a instituição, que buscou nas colônias agrícolas de reabilitação francesas a inspiração para o empreendimento, se alicerçava a um conceito ainda deturpado e primitivo de “loucura”, o que provocava internações em massa, muitas vezes diagnosticamente injustificadas, como foi o caso de Divina dos Santos Rodrigues, 62 anos.

Nascida em Franco da Rocha, Divina não conheceu os pais biológicos, apenas a madrasta, Jandira, casada e mãe de dois filhos. A mulher, que a adotou ainda prematura, criou a menina sob os preceitos do trabalho doméstico desde muito cedo — aos sete anos, Divina já ajudava nas tarefas de casa. A violência também sempre esteve presente em seu cotidiano, impedindo o fortalecimento do vínculo com a matriarca, o que, posteriormente, ocasionou sua ida, aos 13 anos, a um internato religioso em Atibaia, interior paulista, no qual permaneceu até os 18 anos.

Anos após adentrar a instituição, sob o pretexto de uma “perda de consciência”, supostamente relacionada à morte de seu animal de estimação, Nininho, as funcionárias do colégio decidiram que o melhor a ser feito era encaminhá-la ao hospital psiquiátrico, sustentando uma justificativa superficial que, à época, tornou-se suficiente para sua reclusão. Em 1975, o Juquery oficializou-se como o lar de Divina, e assim se manteve, até meados de 1990.

O local, aos poucos, eximia o caráter de “hospital” e transformava-se em um verdadeiro “depósito de gente”. De acordo com o trabalho de doutorado de Evelyn Sá — “Análise de uma organização pública complexa no setor saúde: o conjunto Juquery, no Estado de São Paulo” — apresentado para a Universidade São Paulo (USP), em 1983, o Juquery alcançou seu apogeu em 1968, época da ditadura cívico-militar, com uma margem de 14.438 pacientes, exemplificando o fato de que o estabelecimento serviu não só como um asilo de “loucos”, mas também daqueles que não eram quistos por políticos e militares. Paulatinamente, o número de assistidos foi decaindo, totalizando 5.448, em 1975, ano em que Divina tornou-se interna.

Durante anos na instituição, Divina sentiu na pele o verdadeiro significado do sofrimento e da marginalização. Castigos físicos e psicológicos, abusos indiscriminados de medicamentos e brigas diárias faziam parte da rotina do Juquery, assim como o “eletrochoque”, cientificamente denominado como eletroconvulsoterapia, temido não só pela mulher, mas por todos pacientes.

No final da década de 70, o Movimento da Luta Antimanicomial ganhou força, combatendo a ideia do isolamento de pessoas com doenças mentais e também os preconceitos e maus-tratos que as cercavam. A ação se estendeu até o final do século XX, tendo sua grande vitória em 2001, com a Lei 10.216/200, nomeada “Lei Paulo Delgado”, que trata da proteção dos direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo de assistência para um viés mais humanitário.

Atualmente, o Ministério da Saúde, através da nota técnica 11/2019, advertiu sobre possíveis alterações na política de saúde mental. Dentre as mudanças, está o financiamento de aparelhos de eletroconvulsoterapia, a viabilização da internação de crianças e adolescentes e a inclusão de hospitais psiquiátricos nas Redes de Atenção Psicossocial (RAPS).

O documento, que teve ampla repercussão, gerou também debates na comunidade médica, sob a argumentação de que as normativas presentes ferem os preceitos da Lei Paulo Delgado, retomando o modelo manicomial de assistência e representando um grave retrocesso. Após inúmeras contestações, o órgão retirou a nota do ar, sem maiores declarações.

Diante deste cenário, a proposta principal deste Trabalho de Conclusão de Curso é mostrar como se dava o tratamento de saúde mental dentro de um ergástulo psiquiátrico no Brasil, no caso, o Juquery, pelas vivências de uma paciente. Secundariamente, o objetivo do projeto é elucidar a população sobre a trajetória da psiquiatria, através de um resgate histórico, que dialogará com o panorama atual.

Portanto, a pergunta-problema resume-se em: “É possível um livro-reportagem elucidar a população sobre a realidade intramuros de uma das maiores instituições manicomiais do Brasil, de modo a dialogar com o atual cenário da psiquiatria, através dos olhos de uma antiga interna?”

Para responder essa questão, a obra conta com intensa apuração, além de depoimentos de pessoas próximas à personagem central e de funcionários que trabalharam no Juquery na época retratada, como a enfermeira Ana Maria Campanhola e o antigo carcereiro e paciente, Walter Farias. São exibidas discussões e falas de especialistas renomados do meio psiquiátrico, que fazem uma avaliação acerca do cenário atual da especialidade, juntamente com toda polêmica que o cerca.

O livro reúne um compilado de memórias pessoais e coletivas, que interligam-se e dialogam entre si, promovendo uma visualização honesta da vida em uma colônia psiquiátrica e permitindo, inclusive, a quebra de dogmas e preconceitos que permeiam, desde os primórdios, o conceito de "loucura".

Esta modalidade jornalística foi escolhida por sua possibilidade de aprofundamento na história, o que viabiliza uma ampla abordagem de distintas temáticas, relacionadas direta ou indiretamente ao Juquery. Permite também a utilização de imagens no decorrer do texto, ilustrando vivências e fomentando a imaginação do leitor.

Os capítulos foram divididos de forma a oferecer uma contextualização histórica e filosófica, tanto do manicômio de Franco da Rocha, como da concepção da "loucura" e do surgimento da psiquiatria como especialidade médica.

Nesta conjuntura, a obra alia a apuração e as características jornalísticas com declarações e informações de personagens impactantes, permitindo um retrato fiel

da realidade representada, de modo a conscientizar a população sobre a história do aprisionamento da loucura e promover reflexões sobre o cenário atual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O papel social do Juquery

Ao analisar o Hospital Psiquiátrico do Juquery desde seu advento, é possível notar, paulatinamente, seu papel social. No século XIX, quando fundada, a instituição se alicerçava ao conceito de loucura da época, que consistia em uma modalidade de exclusão, inserida em uma sociedade praticamente polarizada entre senhores e escravos, onde havia uma margem grande de “inadaptados” aos quais se buscavam repreender e disciplinar (CARNEIRO, 1993).

Em meio às grandes reformas urbanas que ocorriam em São Paulo neste período, a psiquiatria e a medicina foram utilizadas a serviço das políticas de sanitarismo, higienismo, segurança e controle social. Buscava-se uma espécie de normalização da sociedade baseada na ideia de uma cidade limpa (em vários aspectos), composta por indivíduos “sãos” (MACHADO, 1978).

Com o avanço do capitalismo e o desenvolvimento industrial, a cidade paulista tornou-se uma opção para muitos, principalmente imigrantes. Conseqüentemente, seu crescimento foi inevitável, o que gerou uma concentração de pessoas miscigenadas socialmente, economicamente e moralmente. Essas mudanças não agradaram a elite e o governo, que logo buscaram alternativas como forma de “higienização”, sendo o Juquery, uma delas:

(...) a população da capital paulista aumentava vertiginosamente com o desenvolvimento da indústria e a chegada dos imigrantes. E assim a paisagem urbana passava a integrar também desempregados, mendigos, prostitutas, sífilíticos, alcoólatras, ex-escravos, pessoas com deficiência física e doentes mentais. Preocupada em evitar a degradação moral e a disseminação do que considerava “doenças sociais”, burguesia e ciência idealizaram um local distante da capital para receber essa massa de excluídos tida como improdutiva (SONIM, 2015).

Nos últimos vinte anos do século XIX, o discurso médico, mais especificamente o psiquiátrico, passou a adquirir cada vez mais prestígio sobre os assuntos relacionados às doenças mentais. Ainda assim, várias disputas foram travadas para que se definisse a quem competia julgar as responsabilidades legais ou incapacidades civis em casos de suspeitas de alienação mental. Defendia-se com mais intensidade a retirada dos alienados das prisões (e também das Santas Casas) e seu envio para instituições destinadas especialmente ao seu tratamento (ENGEL, 2001), como o Juquery.

Já no século XX, a entidade passou a sofrer com a superlotação, tendo seu ápice na época da ditadura cívico-militar (1964-1985), intensificando a relação histórica entre as instituições de saúde mental e as graves violações dos direitos humanos. Em apenas dez anos, entre 1957 e 1968, o número de internos duplicou, de 7.099 para 14.438 (SÁ, 1983). A maior parte dos pacientes não possuía sequer diagnóstico de doença mental, tendo em seu cerne: imigrantes, usuários de drogas, pessoas sem trabalho fixo (“vagabundos”), deficientes físicos, homossexuais, além de mulheres que desafiavam normas de conduta e sexualidade, como prostitutas, “históricas” e mães solteiras.

Neste mesmo período, o local também passou a ser destino de militantes políticos contrários ao regime. Os casos foram descobertos pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no início da década de 1990, através de uma Comissão de Representação, instaurada para apurar a relação entre o regime militar e o Juquery,

O Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo consolidou-se como forte instrumento político e ideológico, tendo um papel social fundamental à época, que se sobrepôs ao próprio âmbito psiquiátrico.

2.2 Sociedade disciplinar e o modelo manicomial

O conceito de Sociedade Disciplinar, elaborado e enunciado pelo filósofo francês Michael Foucault (1926-1984), começou a se estruturar no século XVIII e estendeu-se até o século XIX, tendo seu apogeu no início do século XX, a partir de uma reforma gradual nas políticas de punição. Cada vez mais a cultura espetacular

dos castigos era velada, dando margem às políticas de correção e disciplina, voltadas aos criminosos e, posteriormente, aos “alienados” (FOUCAULT, 2005).

Em consonância, a ideia de poder também foi repensada. Dentro do contexto da Sociedade Disciplinar, os “saberes” eram grandes aliados dos “poderes”, ou seja, o conhecimento funcionava como uma espécie de instrumento de natureza estratégica, atuando como um dispositivo do poder que viabilizava e legitimava a aplicação de medidas soberanas (FOUCAULT, 2005 p. 27).

Partindo desta premissa, é possível estabelecer uma reflexão acerca do discurso do médico e da loucura, uma vez que, dentro do espectro do período da Sociedade Disciplinar, os médicos, julgados como profundos conhecedores da razão, viam-se capazes de fazer com que os alienados se redimissem dos comportamentos inerentes à loucura, sendo, portanto, destinados à internação.

Nesta perspectiva, a relação intrínseca entre o poder e a loucura se materializa. O poder passou a ser pensado a partir do conceito de exclusão e reclusão, e a prática médica contribuiu para outra forma de suplício, permitindo adestrar os corpos de todos aqueles julgados “loucos” (mendigos, prostitutas, desempregados, imigrantes):

[...] ao poder do médico em tomar decisões fundamentais sobre a vida do outro. É através do corpo que o poder em estado de força age sobre as mentes. [...] corpo submetido a um sistema de coerção moral onde sujeito revela um sentido ontológico nulo e vazio [...] (PEREIRA, 2003 p. 82-83).

Dessa forma, o modelo manicomial surge como um alicerce à soberania e à disciplina, permitindo a exclusão de todos aqueles que não seguiam tendências normativas, através de práticas punitivas e de adestramento, como o abuso medicamentoso, os castigos físicos e o uso da eletroconvulsoterapia, camuflada como uma alternativa terapêutica, presente no Juquery e nos demais hospícios da época. A punição e a vigilância funcionam, neste sistema, como mecanismos do poder, utilizados para docilizar as pessoas, para que essas se adequem às normas estabelecidas nas instituições (FOUCAULT, 2005).

2.3 A Luta Antimanicomial

No Brasil, em 1978, o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, relacionado ao movimento de Reforma Sanitária, resultou na derrocada da chamada "indústria da loucura", caracterizada pelo surgimento em massa de instituições psiquiátricas e pela precariedade assídua dos serviços. Os diversos representantes desse modelo, como técnicos de saúde, militantes sociais e acadêmicos, apresentaram inúmeras reivindicações acerca do modelo asilar, denunciando a ineficácia do sistema e também a debilidade do mesmo.

Posteriormente, no final da década de 1980, as requisições resultaram no fechamento de algumas entidades psiquiátricas, e também no surgimento dos primeiros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), dando origem ao Movimento da Luta Antimanicomial, uma ação coletiva em prol de "uma sociedade sem manicômios" (BATISTA, 2014).

Anos depois, esses movimentos foram consolidados através de mudanças nas áreas legislativa, jurídica e administrativa. A III Conferência Nacional de Saúde Mental, realizada em 2001, em Brasília, firma a obrigatoriedade do Estado na proteção e assistência de pessoas portadoras de doença mental, por meio da inserção das políticas da reforma psiquiátrica ao Sistema Único de Saúde (SUS) e a regulamentação da Lei Paulo Delgado, que garante direitos a esse nicho e redireciona o modelo de tratamento da loucura.

2.4 O Jornalismo Investigativo

O Jornalismo Investigativo foi escolhido como a modalidade a ser trabalhada por permitir a reconstrução de acontecimentos, a exposição de injustiças e, principalmente, a demonstração dos meandros da corrupção no setor público (SEQUEIRA, 2005). Tais características somam-se como fundamentais para a apuração dos relatos de Divina e, conseqüentemente, do Juquery, por tratar-se uma instituição pública com uma história ainda "velada".

Através desta vertente, fomentada pelo caráter de denúncia e pelo compromisso social, é possível expor a dura realidade daqueles que viviam entre os muros do manicômio de Franco da Rocha, como os métodos punitivos, o uso indiscriminado de medicamentos e a animalização dos "loucos". O jornalismo

investigativo costuma apelar para os padrões morais existentes, que possuem valores reconhecidos pela sociedade como um todo, e cuja transgressão é chocante (BURGH, 2008), como é o caso do Juquery.

Em "O Holocausto Brasileiro", a jornalista Daniela Arbex faz um trabalho semelhante, porém mais aprofundado, sobre o manicômio de Barbacena, em Minas Gerais. Em seu livro-reportagem, histórias dos personagens são retratadas de modo a convergirem com o caráter de denúncia da obra, materializando os inúmeros abusos presentes em Barbacena.

Esta linha jornalística possui características específicas vinculadas à revelação de fatos, a um maior compromisso com o interesse público e com a fiscalização dos poderes (MARTINO, SILVA, 2013). A instituição psiquiátrica tratada no trabalho em questão, representa um órgão que, há muito tempo, clama por uma vigilância eficaz, considerando o fato de que a mesma serviu como alicerce para o âmbito governamental, principalmente na época da ditadura cívico-militar, ocasionando internações em massa, sem diagnósticos plausíveis e com um tratamento invasivo e infundamentado.

É necessário ressaltar que, pelo fato desta modalidade atuar com questões delicadas e ao mesmo tempo impactantes, os cuidados do enunciador com a forma de exposição do texto devem ser redobrados, de modo a não infringir os limites éticos da profissão. O embasamento argumentativo é fundamental, como em toda prática jornalística, mas, neste caso, é ainda mais criteriosamente avaliado pelo enunciatário.

O jornalismo, dentro de todas suas vertentes e particularidades, é intimamente dependente da confiabilidade de seu público, detendo, privilegiadamente, o capital simbólico em sua natureza de fazer crer, ou seja, o capital do jornalismo é a "credibilidade", que está constantemente em disputa entre os jornais e entre os jornais e os demais campos sociais (ZAMIN, MAROCCO, 2010). Sem estes fatores, a repercussão e o discurso presente no trabalho do enunciatário corre um risco latente de permear a banalização e, portanto, prejudicar o desenvolvimento e apuração das denúncias.

2.5 A forma de retratação

A escolha da elaboração de um livro-reportagem se dá, primordialmente, pela oportunidade do profissional de desenvolver a temática com profundidade, utilizando todo seu potencial como construtor de narrativas da realidade (LIMA, 2009, p.34). Essas características consolidam-se como essenciais para um relato fiel da história de Divina e do Juquery.

A modalidade permite, também, evidenciar os valores jornalísticos como elementos essenciais para a construção da memória e do conhecimento social, utilizando os saberes do reconhecimento, do procedimento e de narração, que são invocados ou retransformados pelos autores (TRAQUINA, 2001).

Como não necessita girar em torno do factual, o livro-reportagem também goza, segundo Lima (2009, p.85), de uma “liberdade do eixo de abordagem”, que possibilita a fomentação da imaginação do leitor através de uma linguagem mais “descontraída” e de uma estruturação narrativa mais contextualizada. Sendo assim, este meio de retratação torna-se ideal para a apresentação das memórias de Divina e dos demais personagens.

3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

3.1 O processo de realização

Conforme exposto anteriormente, o livro-reportagem foi escolhido como modalidade de execução da peça por permitir um maior aprofundamento nas memórias dos personagens e, portanto, uma maior autonomia ao autor referente à escolha do eixo de abordagem, o que possibilita, também, o uso de recursos variados, como a utilização de imagens que dialoguem com o texto.

Para isso, quatro encontros foram realizados com Divina em sua residência, no município paulista de Franco da Rocha, o qual foi possível ter acesso através de transporte público, como trem e metrô. Durante as visitas, questões acerca de sua infância e de suas memórias no Juquery foram levantadas e discutidas minuciosamente, de modo a permitir a recriação de cenários e a contextualização de suas vivências. Fotos também foram tiradas, tanto de Divina como de seus familiares, como alternativa para a ilustração do texto.

Em uma das visitas à Divina, foi feita a tentativa de entrada no Juquery. Entretanto, as autoridades do local não permitiram o total acesso aos estabelecimentos, e inviabilizaram, também, o registro fotográfico. Com isso, fez-se necessária a utilização de fotos de terceiros, no caso, Osmar Bustos, fotógrafo oficial do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), que esteve no hospital psiquiátrico em 2016 e autorizou a publicação das imagens.

Uma série de livros, artigos e reportagens foram utilizadas para embasamento da narrativa, tal como dados referentes ao número de pacientes presentes na instituição e informações sobre todo projeto arquitetônico da entidade. Essa conjuntura permite a melhor visualização do Juquery, não só como instituição psíquica, mas também como um marco consolidado na história da psiquiatria brasileira.

Uma vasta pesquisa bibliográfica foi feita, relacionada ao surgimento do conceito de "loucura" e também ao desenvolvimento da psiquiatria como especialidade médica. Concepções de filósofos, como Michel Foucault, estão dispostas ao longo da obra, permitindo uma reflexão acerca da temática, como mencionado anteriormente.

Foi realizada uma pesquisa de campo nos arredores do Juquery, com a observação detalhada da arquitetura da instituição, e também com conversas com moradores do município, muitos, familiarizados com o hospital. Posteriormente, foi efetuada uma visita ao Centro de Atenção à Saúde Mental (CAISM), da Vila Mariana, em São Paulo, para melhor entendimento de como funciona uma entidade psiquiátrica atualmente, e também para a execução de entrevista com Jair Mari, professor titular do local, que discorreu sobre a nota técnica 11/2019.

Todo trabalho que diz respeito à apuração jornalística, contato com fontes, pesquisa, decupagem e escrita do livro-reportagem, foi realizado exclusivamente pela autora da obra. Apenas a diagramação do produto contou com o respaldo de uma profissional.

O livro-reportagem em questão trabalha diretamente com a modalidade do jornalismo investigativo e possui um forte caráter de denúncia, já que muitos relatos e informações expostas comprovam os maus-tratos e abusos presentes no Juquery.

Sendo assim, fez-se extremamente necessária a exposição de diversos depoimentos, de modo a corroborar as lembranças da personagem central e também acrescentar informações, mantendo a imprescindível imparcialidade característica do Jornalismo.

A linguagem utilizada na obra não pode ser definida, em suma, como coloquial. Entretanto, a narrativa foi orquestrada de modo a fazer-se facilmente compreendida pelo enunciário, contendo, também, algumas notas de rodapé, relacionadas principalmente à explicação de termos científicos e à bibliografia de informações citadas.

As imagens dispostas nos capítulos, grande parte referentes à arquitetura do Juquery, serão expostas em preto e branco, para promover a ideia de atemporalidade. A foto escolhida para a capa da obra, também seguirá esse padrão.

3.2 Fontes

Além de Divina, rica personagem principal responsável pela viabilização dessa obra, outras fontes foram utilizadas para o enriquecimento do texto. Entre elas, está a antiga enfermeira do Juquery, Ana Maria Campanhola, que firmou amizade com muitas das alienadas, inclusive Divina, eximindo seu caráter de algoz.

O homem que deu origem ao livro "O Capa-Branca", Walter Farias, também foi entrevistado, juntamente com o autor da obra, o jornalista Daniel Navarro Sonim. O depoimento de Walter foi de extrema importância, já que possui tanto a visão de funcionário, quanto a de paciente. Atualmente, ambos viajam Brasil à fora, disseminando a realidade intramuros do manicômio de Franco da Rocha, e atuando como ativistas na Luta Antimanicomial.

A declaração de uma antiga moradora de Franco da Rocha, Elnira Pereira, também foi exposta no decorrer dos capítulos, como forma de demonstrar a visão dos moradores da região em relação ao hospital psiquiátrico e seus pacientes.

Por fim, alguns especialistas do meio psiquiátrico foram entrevistados, promovendo um debate acerca do panorama atual da psiquiatria e discorrendo sobre a nota técnica 11/2019, publicada pelo Ministério da Saúde. Dentre eles, está Jair Mari, como citado anteriormente; Maria Alice Scardoelli, diretora do Departamento de Psiquiatria do Juquery; Paulo Amarante, presidente de honra da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme), e Antonio Rabelo, coordenador e criador do CAPS II da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

3.3 Resultado final

Todo esse processo de apuração e escrita resultou no livro-reportagem intitulado "Intramuros: a história desvelada do Juquery, um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil". No total, a obra apresenta cerca de 76.000 caracteres em texto corrido e uma média de quinze fotos, dispostas ao longo dos sete capítulos.

As técnicas e metodologias utilizadas permitiram a promoção de um vasto conhecimento, alusivo não só à realidade velada do Juquery, mas também ao surgimento e a caracterização do conceito de "loucura". Além disso, o contato com as fontes foi extremamente enriquecedor, e serviu como instrumento para a quebra de estigmas e para a promoção de uma visão clara e concisa referente à marginalização e às relações de poder.

Em todo desenvolvimento da obra, o enfoque consistiu não só em expor a realidade das políticas e ideologias arraigados ao Juquery, mas também em representar, com o máximo de fidelidade possível, personagens reais, de importância imensurável para o entendimento dos efeitos provocados pelos abusos, preconceitos e submissão, característicos de instituições manicomiais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) resultou em um amplo leque de aprendizados e de crescimento pessoal. As entrevistas feitas e o

contato com os personagens permitiram um amadurecimento e um maior entendimento sobre a realidade de cada um deles.

Através dos depoimentos e informações coletadas, foi possível estabelecer um cenário fidedigno sobre a realidade intramuros do Juquery que, indubitavelmente, não é inerente a ele. As atrocidades presentes na instituição refletem as relações de poder dispostas em todo meio social, e exemplificam o caráter de uma sociedade abarcada pelo preconceito e pela precariedade.

Tendo em vista o atual panorama psiquiátrico brasileiro, foi possível, também, compreender a fragilidade das conquistas do Movimento Antimanicomial e como todo passado relacionado ao modelo asilar ainda gera um grande receio àqueles que tiveram, ainda que minimamente, contato com ele.

Em suma, a experiência de desenvolvimento desse produto materializou-se como uma exemplificação do que é jornalismo — escrever histórias reais, sobre pessoas distintas e muitas vezes de difícil acesso; colher o máximo possível de informações, mantendo seu ímpeto jornalístico e seu compromisso com a verdade; expor o caráter de denúncia também presente no cerne da profissão, de forma concisa e pertinente; e tratar de temas relevantes e muitas vezes banalizados ou mal compreendidos, para que não sejam esquecidos.

Apesar dos empecilhos e dificuldades, o resultado final desse livro-reportagem foi satisfatório e condizente com o esperado. Divina, Walter, Ana Maria e tantos outros personagens, foram responsáveis pelo entendimento maior do que é jornalismo, e de qual é seu papel na sociedade.

Intramuros retrata a história de Divina dos Santos Rodrigues, antiga paciente do Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo, uma das maiores instituições manicomiais do Brasil, consolidada como um marco da psiquiatria no país e conhecida popularmente pela superlotação e pelos maus-tratos. Através das memórias de Divina e de outros personagens presentes na obra, como funcionários e pacientes, a trajetória da loucura, tal como o surgimento desse conceito, é narrada, dialogando com o cenário atual da psiquiatria e da sociedade brasileira, e promovendo uma reflexão acerca do modelo asilar e de exclusão.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2013.

BATISTA, Micheline. **Breve história da loucura, movimentos de contestação e Reforma Psiquiátrica na Itália, na França e no Brasil**. Revista de Ciências Sociais. Universidade Federal de Pernambuco, v.I, n.40, p.391-404, Abril. 2014.

BRASIL. **Lei No 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>. Acesso em: 25/06/2019.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Negros, Loucos Negros**. Revista USP. Dossiê Brasil/África. Universidade São Paulo, São Paulo, n.18, jun-ago. 1993.

CARNEIRO SILVEIRA, Lia., BATISTA BRAGA, Violante Augusta. **Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental**. Revista Latino-Americana de Enfermagem. São Paulo: USP.v.13, n.4. p. 591-595, jul-ago., 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2814/281421846019.pdf>>. Acesso em: 26/06/2019.

DE BURGH, Hugo. (org.). **Jornalismo Investigativo: contexto e prática**. São Paulo: Roca, 2008.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento das prisões**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. São Paulo, SP: Editora Manoele, 2009.

MACHADO, R. e outros. **Danação da norma: Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1978.

MARTINO, Luis Mauro; SILVA, Lídia Rogatto. **Paradoxos e fronteiras éticas do jornalismo investigativo na doutrina jornalística brasileira**. Revista Comunicação Midiática, v.8, n.1, pp.13-29, jan-abr, 2013.

PEREIRA, Lygia Maria de. **Franco da Rocha e a teoria da degeneração**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, n.3, p. 154-163, Setembro, 2003.

SÁ EN. **Análise de uma organização pública complexa no setor da Saúde: o conjunto Juquery no Estado de São Paulo [tese de doutorado]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

SONIM, Navarro Daniel. **O manicômio manda lembranças.** Saúde!Brasileiros. 2015. Disponível em: < <http://brasileiros.com.br/2015/o-manicomio-manda-lembrancas/>>. Acesso em 05/02/2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** Porque as notícias são como são. Florianópolis, SC: Insular, 2005.

ZAMIN, Ângela; MAROCCO, Beatriz. **Vertentes dos estudos do acontecimento.** In: BENETTI, Márcia (org); FONSECAM Virginia Pradelina da Silveira (org.) **Jornalismo e acontecimento.** Florianópolis: Insular, 2010.

ANEXOS

I. Fotos tiradas pelo fotógrafo Osmar Bustos, dispostas ao longo do livro-reportagem.









II. Poema de Fernando Pessoa, "Fito-me frente a frente (II)", retirado de seu compilado "Obras Inéditas", presente no site Domínio Público. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000002.pdf>>.

Fito-me frente a frente (II)

"Fito-me frente a frente

E conheço quem sou.

Estou louco, é evidente,

Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta

Que gente que sou louco?

Ou é por ter completa

A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto

O ser vivo que tenho.

Nasci como um aborto,

Salvo a hora e o tamanho."

Fernando Pessoa

APÊNDICE

I. Autorização do uso das fotografias tiradas por Osmar Bustos, fotógrafo do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), em 2016.

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, OSMAR BUSTOS Inscrito no CPF sob nº 125.567.108-23, pela presente e na melhor forma de direito, a partir desta data, passo a permitir que **JÚLIA NADDAF REMER**, estudante de jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de rg 49.663.349-1, faça uso das imagens fotográficas ora cedidas, bem como de meu nome exclusivamente na divulgação de seu trabalho de Conclusão de Curso.

Declaro que a(s) fotografia(s) poderá(ão) ser utilizada(s) de forma restrita, sem remuneração pela colaboração e/ou participação pessoal, e que as mesmas são de minha autoria.

O uso das imagens, produções fotográficas e nome, deverá ocorrer somente nos limites aqui estabelecidos.

Declaro que todas as informações acima são verdadeiras e de minha inteira responsabilidade, assinando esta autorização na presença de duas testemunhas.

São Paulo, 20 de Março de 2019



